

**EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DO  
CAPÍTULO “ABANDONO”, DO ROMANCE “O ALAMBIQUE”**

*Manoel Oliveira de Jesus* (UEFS)<sup>11</sup>

[mannoel.oliveira@hotmail.com](mailto:mannoel.oliveira@hotmail.com)

*Patrício Nunes Barreiros* (UEFS)<sup>12</sup>

[patricio@uefs.br](mailto:patricio@uefs.br)

**RESUMO**

Estamos apresentando a edição filológica do capítulo “Abandono”, do romance “O Alambique”, de autoria do escritor Clóvis Amorim. Esse romance, publicado na década de 1930, tematiza a cultura da cana-de-açúcar no Recôncavo Baiano, na primeira metade do século XX. Este trabalho está correlacionado à pesquisa de doutoramento intitulada *O vocabulário de Clóvis Amorim*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores, coordenado pelo Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros. A pesquisa está sendo desenvolvida com vistas a trazer à tona a representação histórica, cultural e sociolinguística do Recôncavo Baiano, constante nas obras de Clóvis Amorim. No plano da edição, o trabalho está lastreado especialmente nos pressupostos teóricos da Crítica Textual (CAMBRAIA, 2005; SPINA, 1994), sob uma perspectiva de abordagem em torno da filologia pragmática, histórica e social, dando ênfase à sociologia do texto e ao papel do editor-leitor-autor – o filólogo, à luz de teóricos como McKenzie (2018) e Barreiros P. (2017). O processo metodológico está pautado nos critérios de edição empregados por Barreiros (2018), dando destaque aos escritores não vistos como canônicos.

**Palavras-chave:**

Clóvis Amorim. Crítica Textual. Edição filológica.

**ABSTRACT**

We are presenting the philological edition of the chapter “Abandono”, from the novel “O Alambique”, written by the writer Clóvis Amorim. This novel, published in the 1930s, focuses on sugarcane culture in Bahian Recôncavo, in the first half of the 20<sup>th</sup> century. This work is correlated to the doctoral research entitled *O vocabulário de Clóvis Amorim*, developed within the scope of the Postgraduate Program in Linguistic Studies, at the State University of Feira de Santana, linked to the Center for Interdisciplinary Studies in Humanities Digital, Philology and Writers' Collections, coordinated by Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros. The research is being developed with a view to bringing to light the historical, cultural and sociolinguistic representation of the Bahian Recôncavo, constant in the works of Clóvis Amorim. In terms of editing, the work is based especially on the theoretical assumptions of Textual Criticism (CAMBRAIA, 2005;

---

<sup>11</sup> Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo fomento (CNPq).

<sup>12</sup> Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo fomento (PQ-2).

SPINA, 1994), from an approach perspective around pragmatic philology, historical and social philology, emphasizing the sociology of the text and to the role of the editor-reader-author – the philologist, in the light of theorists such as McKenzie (2018) and Barreiros (2017). The methodological process is based on the editing criteria used by Barreiros (2018), highlighting writers not seen as canonical.

**Keywords:**

Clóvis Amorim. Philological edition. Textual Criticism.

## ***1. Introdução***

O presente artigo está pautado na edição parcial do romance “O Alambique”, do escritor Clóvis Amorim, publicado no ano de 1934. O romance tematiza a cultura da cana-de-açúcar e da produção de aguardente no Recôncavo Baiano, na primeira metade do século XX e exhibe uma verdadeira representação do cotidiano das fazendas da região de Santo Amaro-BA e da atual cidade de Amélia Rodrigues-BA. A edição foi realizada com vistas a trazer à tona a representação histórica, cultural e sociolinguística do Recôncavo Baiano, existente na referida obra.

O texto está lastreado nos pressupostos teóricos da Crítica Textual, assentado nos critérios empregados pela equipe de pesquisadores que estuda e edita as obras de Eulálio Motta, sob uma perspectiva de abordagem da filologia pragmática, histórica e social, dando ênfase à sociologia do texto e ao papel do filólogo-editor-autor, à luz de McKenzie (2018) e Barreiros P. (2014; 2017). Trata-se de um artigo ligado à Pesquisa de Doutorado intitulada *O vocabulário de Clóvis Amorim*, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. A pesquisa comporta-se dentro da área de concentração *Linguagem e Sociedade*, vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores, da UEFS, coordenado pelo Prof. Dr. Patrício Barreiros.

Para a realização deste trabalho, buscou-se dar visibilidade ao texto editado, explorando o seu contexto de produção e circulação, numa proposta de reposicionar a obra do escritor Clóvis Amorim na cena literária e histórica que, de certa forma, ficou à margem dos estudos literários no Brasil. A proposta metodológica deste artigo pautou-se, mais especificamente, nos métodos da Crítica Textual empregados por Barreiros L. (2012; 2017) e Barreiros P. (2013; 2018). Nessa perspectiva, os textos foram selecionados, depois digitalizados, compilados e, posteriormente, convertidos para o formato PDF.

No contexto da edição filológica, vale destacar que os acervos de escritores figuram como genuínas fontes de memórias, que contribuem significativamente para preservar e difundir a história de um povo. Nesse panorama, as práticas editoriais no contexto dos trabalhos filológicos têm cada vez mais explorado o universo dos acervos de escritores. Desse modo, um dos trabalhos do editor, todos críticos em sua essência, é examinar as relações contextuais entre os textos que compõem tais acervos, a fim de possibilitar, ao leitor, sua compreensão ampla, através do conhecimento acerca dos contextos de circulação, recepção e apropriação desse texto.

Quando se trata de uma prática editorial no âmbito dos acervos de escritores, por exemplo, faz-se imprescindível pensar que esse arquivo documental não apenas remete à imagem, lembrança e memória do escritor, mas também reflete sua(s) identidade(s) e de uma dada comunidade. A edição de textos de escritores, a exemplo dos textos de Clóvis Amorim, requer do filólogo uma ação para além dos limites visuais do texto, fazendo-se necessário um olhar que transcende os sentidos explícitos nas linhas do texto.

## **2. *Filologia e Crítica Textual***

De acordo com Cambraia (2005, p. 294), “a crítica textual é um campo do conhecimento com nítida afinidade à filologia (ambas têm o texto como objeto de estudo), embora o objetivo daquela (restituir a forma genuína de um texto) seja mais restrito do que o desta (explorar um texto de forma global)”. Ele destaca que Filologia é um termo técnico longo, que remonta à Grécia antiga e, em virtude do desenvolvimento dos estudos linguísticos, ao longo dos séculos, o termo tornou-se polissêmico.

O termo Filologia sempre esteve vinculado à língua e, nesse aspecto, Cambraia (2005) defende o emprego do referido termo para designar o estudo global de um texto, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto, sejam eles linguísticos, literários, crítico-textuais, históricos, sociológicos, dentre outros. Nesse viés, o trabalho filológico desenvolvido em torno das obras do escritor Clóvis Amorim configura-se como de enorme relevância para o aprofundamento do estudo textual aqui pretendido, buscando abarcar principalmente seus aspectos históricos, sociais e culturais. Não existe método específico e único para o exercício da filologia, de modo que cada um dos aspectos a serem explorados no trabalho filológico faz juz à eleição ou escolha da teoria e do

método que melhor atenda às suas especificidades. Logo, o crítico textual, o filólogo-editor-autor, no exercício da edição filológica, pode ocupar-se de um mesmo texto de forma ampla e autônoma.

A Filologia é uma ciência histórica que trabalha com documentos que têm como processo a crítica e possibilita o estudo da língua em sua amplitude, no tempo e no espaço, ocupando-se do processo histórico dos textos em seus processos de produção e transmissão. Desse modo, a Filologia contribuiu significativamente para o estudo aqui proposto, a partir da exploração das obras do escritor Clóvis Amorim, especialmente em suas dimensões social e histórica. Nessa conjuntura, Spina (1994) argumenta que História é a disciplina que mantém maior diálogo com a Filologia. Corroborando, Barreiros P. (2017) acrescenta:

Diversas áreas de conhecimento dialogam com a filologia, mas a história é indispensável ao seu exercício, pois toda escrita está inserida num passado (longínquo ou imediato). O ato da escrita é gerido pela lógica do passado, escreve-se porque existe uma continuidade temporal que justifica a necessidade do texto para comunicar algo numa possível ausência. Como disciplina histórica, cabe à filologia compreender a escrita num determinado tempo e isso, naturalmente, implica em conhecer as práticas de produção, circulação e usos dos textos. (BARREIROS P., 2017, p. 402)

Para Morais (1789 *apud* CASTRO, 1995, p. 603), o termo “Philologia” era definido como a “Arte, que trata da inteligência e interpretação crítica gramatical, ou Rhetorica, dos autores, das antiguidades, histórias, etc.”. Segundo Castro (1995), no século XVIII a Filologia era tratada como a arte que, conjuntamente, se ocupava dos sentidos, da língua e do estilo dos autores clássicos e também da literatura antiga em geral, através dos seus textos escritos. Ainda segundo o autor, duzentos anos mais tarde a definição ainda continuava, praticamente, a mesma, com enfoque disciplinar historicista, mantendo associados os estudos de uma língua e da literatura nela produzida.

O termo Ecdótica ou Edótica, frequentemente utilizado quando se pensa na hermenêutica e exegese textual, é, por vezes, empregado como sinônimo de Crítica Textual. Conforme Cambraia (2005), quando um crítico textual restitui a forma genuína de um texto e o material produzido nesse processo é organizado de forma coerente e consistente para posterior e oportuna divulgação ao público leitor, os procedimentos técnicos utilizados para realizar essa divulgação, normalmente realizados pelo próprio crítico textual, estão no domínio da Ecdótica, razão pela qual os termos Crítica Textual e Ecdótica entram em sinonímia, por exemplo.

Segundo Spina (1995) a Edótica pode ser periodizada em quatro momentos: uma *Edótica clássica*, que se aplica aos códices de textos clássicos gregos e latinos, até o fim do período helenístico e da latinidade; uma *Edótica medieval*, para os códices pertencentes à Alta e Baixa Idade Média; uma *Edótica moderna*, para o texto impresso, desde os primeiros incunábulo até os textos do século XIX e uma *Edótica contemporânea*, que contempla a realidade dos dias atuais. A edição de texto é competência da Crítica Textual e ocorre através de determinados modelos. No contexto das edições baseadas na forma de estabelecimento do texto, existem duas grandes classes consagradas: as monotestemunhais e as politestemunhais (CAMBRAIA, 2005). As edições monotestemunhais dividem-se em quatro tipos, a saber: fac-similada, diplomática, semidiplomática e interpretativa.

A edição fac-similada ocorre através de processo fotográfico ou equivalente, sem retoques, com grau zero de mediação por parte do crítico textual. A edição diplomática reproduz em transcrição bastante conservadora, mas em composição tipográfica moderna, o texto tal como ele se encontra em determinado suporte, com baixo grau de mediação, preservando todos os elementos presentes no texto, tais como sinais abreviativos e de pontuação, paragrafação, separação vocabular, dentre outros. A edição semidiplomática ocorre com um grau médio de mediação por parte do crítico textual. Nesse tipo de edição, o texto passa por modificações em seu processo de reprodução, a fim de torná-lo mais compreensível a um público não especializado em decodificar certas características do texto original, tais como os sinais abreviativos.

A edição interpretativa é a que admite o “grau máximo de mediação” (CAMBRAIA, 2005, p. 97), por parte do crítico textual, permitindo que o texto passe por um forte processo de uniformização gráfica, além de intervenções que exprimem o texto do que seria sua forma genuína. Nesse tipo de edição, assim como na semidiplomática, é cabível o desenvolvimento de conjecturas. Desse modo, a edição interpretativa possibilita a apresentação de um texto mais apurado e acessível a um público amplo, visto que os elementos estranhos à presumível forma genuína do texto aparecem claramente assinalados.

Já as edições politestemunhais são divididas em dois tipos: a crítica e a genética. A edição crítica caracteriza-se pelo confronto de mais de um testemunho, geralmente apócrifos, no processo de estabelecimento do texto, com o objetivo de reconstituir a última forma que seu autor lhe havia dado e ocorre através de dois componentes. Um deles oferece a

transcrição, conservadora ou normalizada, de um texto, a qual pode combinar lições de dois ou mais suportes e pode ainda incorporar emendas conjecturadas pelo editor – texto crítico. O outro, em separado, apresenta os grupos de variantes dentro dos quais o editor escolheu as formas que fixou no texto - aparato crítico. A edição genética, por sua vez, assim como a edição crítica, ocorre através da comparação de mais de um testemunho, porém, geralmente autógrafos e/ou idiógrafos, com o objetivo de registrar as diferenças entre a forma preliminar que um texto apresenta e a forma final dada pelo seu autor.

Nesse contexto, é notável a extrema importância do filólogo, o crítico textual, o filólogo-editor-autor, para o estabelecimento do texto, e a suma importância do seu papel nesse processo filológico-crítico-editorial. Para Marquilhas (2010), o trabalho do crítico textual sempre foi, desde o século XIX, o de resgatar a memória do texto original, graças a um paciente trabalho de comparação e reconstrução, chegando a um texto cuja forma alcançava o estado mais próximo de sua origem. Nesse viés, a execução deste trabalho envolve uma série de atividades, por vezes extremamente complexas e que requerem apurado conhecimento da língua, de sua história e também da tradição literária de uma dada época, mais especificamente a década de 1930, período em que as obras de Clóvis Amorim começaram a figurar no cenário da literatura, a partir de sua publicação.

Nesse horizonte, Barreiros P. (2017) pondera que a escrita tem uma força de ação criadora e, como “língua fabricada”, reflete a sociedade de onde ela nasce, bem como representa os sujeitos, suas identidades, sua cultura, ou seja, reflete a imagem do homem e da sociedade. Assim procede a escrita de Clóvis Amorim, pois as narrativas de suas obras suscitam um retrato do dia a dia das fazendas da região de Santo Amaro - BA, bem como refletem, nas falas dos personagens, a linguagem do povo do Recôncavo Baiano. Nessa perspectiva, nota-se que todos os aspectos das sociedades modernas sofrem, direta ou indiretamente, alguma interferência da escrita. Desse modo, é cabível afirmar que a escrita viabiliza o registro do cotidiano, assim como propicia o desenvolvimento de práticas sociais, as quais são, essencialmente, um dos pilares das sociedades desenvolvidas.

Por isso, não dá para dissociar texto e dimensões histórica e social, ou seja, não dá para manipular um texto sem levar em consideração toda sua historicidade e suas condições de produção, circulação e apropriação. Nesse sentido, ressalta-se aqui o pano de fundo histórico e social da obra “O Alambique”, marcado pelo debate da questão social, em meio à cultura da cana-de-açúcar e as explorações humanas diversas em torno do seu

cultivo, da sua colheita e da produção de aguardente. Assim, toda abordagem e manipulação em torno do texto, seja ele manuscrito ou impresso, requer a compreensão dos seus significados e de suas condições histórica, social e também material. Nessa perspectiva, Barreiros P. (2017) pondera:

Nesse sentido, o texto escrito exige uma interpretação histórica desde o primeiro momento de sua existência porque ele é testemunho da experiência humana, forjado no cotidiano e se relaciona com práticas sociais peculiares de sujeitos historicamente constituídos. Esses sujeitos, por sua vez, também se inventam a partir das relações estabelecidas com os textos, entendidos como práticas escriturísticas. Essa é uma questão deveras complexa e diz respeito a todas as disciplinas que adotam o texto escrito como objeto de estudo. (BARREIROS P., 2017, p. 391)

Barreiros P. (2017) ainda considera que foi através da escrita que se constituiu a ideia ou noção de homem histórico. Dessa maneira, ela tornou-se um dos fenômenos mais importantes da humanidade, no contexto de sua evolução cultural e como sociedade, e para o processo de civilização humana. Nesse panorama, a escrita apresenta sua face social, onde suas práticas ecoam as identidades, as culturas, as histórias dos sujeitos na sociedade. Fala-se, aqui, da Sociologia do Texto, crucial para o processo de inovação e exploração das potencialidades do texto, a partir de sua concepção com um construto histórico, social, cultural e linguístico. Ela busca extrair sentido de como os textos “ganham vida” na sociedade, à luz da história das práticas de escrita e de leitura de tal sociedade.

Em “O Alambique”, por exemplo, que na década de 1930 trazia à tona a realidade política e social da época, vê-se que, nesse sentido, o texto está essencialmente submerso no contexto das denúncias das mazelas e da vida quase desumana encaradas por parte da sociedade brasileira daquela época, especialmente pelos povos africanos escravizados.

A Sociologia do Texto busca dar conta de uma análise mais profunda do texto, como um produto social, levando em consideração o contexto cultural, político e social em que o texto foi produzido. Segundo McKenzie (2018), a principal relação entre a Sociologia do Texto e a Crítica Textual é que ambas se dedicam ao estudo e análise dos textos, a despeito de suas diferenças quanto às abordagens. A Sociologia do Texto, pois, toma o texto como um construto material de signos sociais, que responde a aspectos históricos e culturais. Já a Crítica Textual concentra-se na análise das versões e variantes de um texto ao longo do tempo, buscando estabelecer o texto original e sua autenticidade.

Nesse contexto, o crítico textual, na manipulação do texto, seja ele manuscrito ou impresso, cópia ou original, toma-o como testemunho

histórico capaz de lançar luz ao entendimento de como ele foi escrito, disseminado e utilizado. A obra “O Alambique”, por exemplo, foi escrita e editada num período de reafirmação dos valores culturais da época, pensado, escrito e publicado numa perspectiva de apresentar uma realidade nacional, de maneira “nua e crua”.

De acordo com Barreiros (2014), as práticas escriturísticas apresentam diferentes significados, em cada tempo e em cada lugar. Desse modo, o crítico textual ampara-se em todas as informações extralinguísticas e paratextuais, bem como nos documentos que, de alguma forma, apresentam alguma relação com o texto, a fim de que seu trabalho alcance o resultado mais completo, autêntico e fidedigno possível. Assim, o filólogo-editor-autor compreende que:

Os erros de impressores, as várias edições e testemunhos, as notas marginais e demais marcas de cada “encarnação” do texto têm uma história que interessa conhecer, principalmente porque revelam o modo como os sujeitos de um determinado tempo se relacionaram com os textos e imprimiram suas marcas neles [pois] os significados dos textos não estão apenas nos aspectos alfanuméricos que os transmitem, mas também nos suportes, nas formas materiais que garantem a sua existência, nas relações que mantêm com os seus diferentes testemunhos e nos usos que se fizeram deles ao longo do tempo. (BARREIROS P., 2017, p. 405, 407)

Ainda conforme o autor, ao adotar uma postura crítica diante do texto, o filólogo compreende sua materialidade, o modo como ele foi lido e também as condições políticas e culturais que permitiram com que esse texto chegasse ao leitor final. Assim, os “operários do texto”, conforme Barreiros P. (2017, p. 408) “decidem desde o tipo de letra, a disposição do texto na página, o tipo de papel, a encadernação, a capa e tomam decisões sobre palavras e trechos”.

Esses operários são editores e também autores, especialmente no contexto das Humanidades Digitais, das hiperedições, das tecnologias de produção e difusão do texto, das edições digitais. Para isso, o filólogo faz uso dos seus conhecimentos sobre o texto, amparado em todos os elementos dispostos no próprio texto, ou extratextuais, e em seus suportes, físicos ou digitais. Nessa perspectiva, Barreiros pontua:

A depender do contexto, a escrita digital converte-se numa mídia a que, além dos elementos da cultura impressa, agregam-se som e movimento e, quando disponibilizada na internet, ganha conotações culturais bastante amplas, sendo necessário expandir a noção de texto, editoração, autoria e acesso à informação. (BARREIROS, 2014, p. 38)

As edições digitais, sobretudo as hiperedições, exigem enorme atenção e rigor do filólogo-editor-autor, considerando todo o trabalho que



envolve o processo que resultará na estrutura final do texto, seja na tela de um computador, celular ou tablet. Desse modo, o editor “cria menus, ícones e o layout, aplica técnicas de design gráfico, ou seja, determina como tudo irá funcionar, desde a aparência às funções mais simples” (BARREIROS, 2014, p. 48). Nesse plano, é o filólogo-editor-autor quem toma as decisões acerca da aparência dos textos e é quem define quais códigos bibliográficos devem ser preservados. É ele quem deve assumir a autoria da editoração, direcionando e hierarquizando as informações, a partir do seu conhecimento sobre o texto e suas relações de valor linguístico, histórico, social e cultural.

Dentro dessa realidade digital, o filólogo-editor-autor consegue realizar todo o trabalho de edição, desde o labor filológico primordial até a entrega do texto final, ou seja, ele passa a ser o editor em todos os aspectos. Todavia, “editar textos que foram produzidos e lidos no contexto da cultura impressa exige perícia filológica e profundas reflexões acerca do modo de produção, circulação e recepção desses textos...” (Barreiros, 2014, p. 34). Ainda segundo o autor, o meio digital estabelece uma nova forma de pensar o trabalho do editor, trazendo à tona um novo paradigma editorial que pode ser considerado como uma nova “idade de ouro” da Crítica Textual. Nesse sentido, a Crítica Textual ganha espaço no campo da interpretação, buscando compreender e estabelecer o texto em seus aspectos social, histórico e cultural.

### **3. Edição filológica do capítulo *Abandono***

Nesta seção, apresenta-se a edição fac-similar e a edição semiplomática do capítulo “Abandono”, do romance “O Alambique”, de autoria do escritor Clóvis Amorim. Trata-se de um trabalho filológico que visa à reprodução de um texto impresso, componente de uma obra da década de 1930. A edição está disposta conforme as páginas do documento e a transcrição segue o mesmo viés. O fac-símile foi produzido com vistas a disponibilizar, ao público, uma representação fiel dos aspectos da materialidade do texto. A transcrição foi realizada com baixo grau de intervenção em alguns aspectos do texto, buscando manter sua identidade e fidedignidade.

Além da reprodução e transcrição do texto, a edição explora outros elementos ligados a ele, tais como o contexto de sua produção, circulação, recepção e disseminação. O trabalho filológico e editorial com acervos de escritores possibilita o conhecimento mais aprofundado acerca de suas

histórias e realidades pessoais, suas vidas, comunidades, culturas e seus contextos sociais. Também, abre caminho para discussões e reflexões acerca da historicidade e materialidade do texto e considerações importantes sobre a escrita. Para isso, faz-se necessário conhecer os contextos de produção e difusão do texto, nos mais diversos aspectos: históricos, sociais, culturais e econômicos, por exemplo.

A edição aqui utilizada seguiu os critérios filológicos utilizados pela equipe de pesquisadores que estuda e edita as obras de Eulálio Motta, buscando preservar os principais aspectos linguísticos do documento e dos elementos necessários à compreensão do texto. A transcrição considerou a escrita do texto, em seus aspectos de materialidade e contexto, além de outros elementos que constituem parte da sócio-história do texto.

### ***3.1. Contexto sócio-histórico da obra***

*Abandono* é um dos primeiros capítulos do romance que é considerado o de maior sucesso do escritor Clóvis Amorim: “O Alambique”. Ambientado na região do Recôncavo Baiano, esse capítulo está situado no início da narrativa literária do romance que retrata parte da história da primeira metade do século XX. A obra teve sua 1ª edição publicada no ano de 1934 e a 2ª edição no ano de 1980, tendo como pano de fundo a cultura da cana-de-açúcar no Recôncavo Baiano, marcada pelo cultivo da cana e pela produção de aguardente. Trata-se de uma obra que é uma verdadeira representação do cotidiano das fazendas da região de Santo Amaro - BA e Amélia Rodrigues - BA.

Clóvis Amorim foi um escritor ameliense que começou a figurar no cenário da literatura baiana a partir da década de 1930, com a publicação de suas obras de maior sucesso: “O Alambique” e “Chão de Massapé”. Natural do município de Amélia Rodrigues-BA (antigo distrito de Lapa, pertencente ao município de Santo Amaro da Purificação-BA), Clóvis Amorim é um legítimo representante da literatura local e também nacional.

Em “O Alambique”, Clóvis Amorim rompeu com os cânones da literatura vigente, especialmente no que dizia respeito à linguagem e à estrutura da escrita. Clóvis Amorim extraiu, na fala do povo, o material e a mão-de-obra necessários à estrutura narrativa de suas obras. Esse romance foi um verdadeiro divisor de águas entre o realismo naturalista e o realismo crítico, onde suas narrativas deram ao seu autor a fama de acusador público, levando ao debate questões de ordem social e denunciando o que

havia de falso e desumano em sua comunidade local e na sociedade brasileira, da época, como um todo.

Retratando uma realidade política e social, mas sem compromisso de natureza política ou doutrinária, a obra impunha uma tomada de consciência ante uma realidade carente não só de ser mostrada, mas, sobretudo, de ser denunciada. Nesse panorama, o capítulo *Abandono* apresenta parte da contextualização inicial da narrativa que expunha as condições sub-humanas em que viviam os trabalhadores dos canaviais, dos engenhos, dos alambiques e das usinas do Recôncavo Baiano nas décadas de 1920 e 1930.

### **3.2. Critérios adotados na edição**

A edição semidiplomática foi realizada à luz dos seguintes critérios:

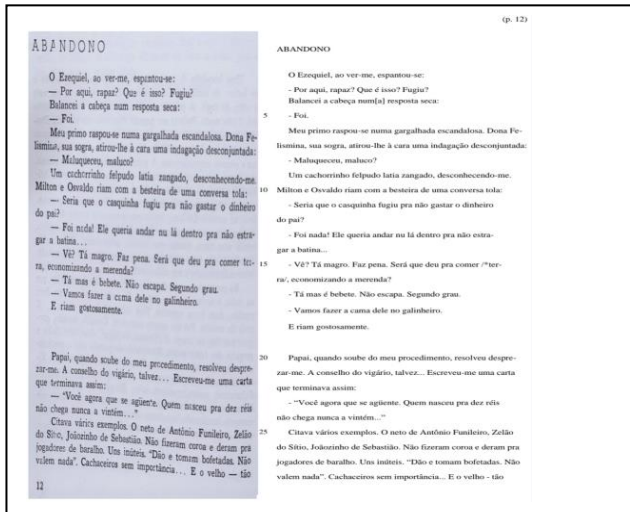
1. Os fac-símiles constam à esquerda e as transcrições à direita;
2. As linhas das transcrições estão numeradas de 5 em 5;
3. Os números das páginas constam à margem direita superior;
4. Os textos apresentam-se em fonte Times New Roman padrão Word, de tamanho 11, justificados à margem esquerda;
5. Os títulos estão transcritos como se encontra no original;
6. Estão mantidos os lapsos do autor, as interpolações, a ortografia, a acentuação, o uso de maiúsculas, a pontuação e registram-se todas as correções e acréscimos, através da utilização de símbolos;
7. A grafia dos nomes próprios está apresentada como consta no original.

Os símbolos utilizados foram os seguintes:

1. [ ] Acréscimo no curso da linha;
2. / \* / Leitura conjecturada.

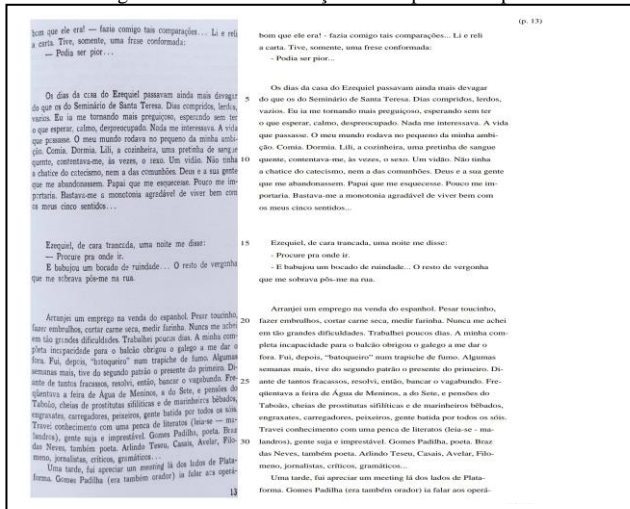
3.3. As edições fac-símile e semidiplomática do capítulo *Abandono*

Figura 1: Fac-símile e edição semidiplomática p. 12.



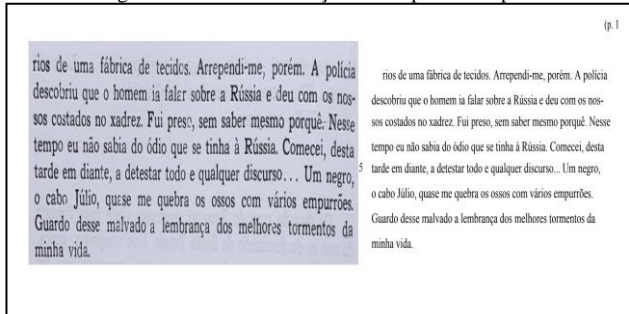
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2: Fac-símile e edição semidiplomática p. 13.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 3: Fac-símile e edição semidiplomática p. 14.



Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 4. Considerações finais

A edição do capítulo “Abandono”, do romance “O Alambique”, de autoria do escritor Clóvis Amorim, abriu espaço para uma breve, mas importante, discussão em torno da Filologia, em termos mais pragmático, histórico e social, com ênfase na sociologia do texto, na importância do trabalho filológico e no papel do filólogo-editor-autor. A edição, pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Textual, apresenta um verdadeiro recorte da identidade sociolinguística do Recôncavo Baiano, representada pela escrita de Clóvis Amorim, através de sua obra literária.

Uma das atividades que competem ao filólogo é possibilitar, ao público interessado, o acesso a documentos que dificilmente estariam à sua disposição, pelas mais diversas razões. A edição realizada neste trabalho acadêmico, alcançou uma de suas principais funções, que é dar disponibilidade, acesso, de forma autêntica e fidedigna, a um texto do passado e tentar facilitar sua leitura, tanto aos leitores atuais como também às gerações futuras.

Trata-se de um trabalho considerável, não pela sua extensão, mas pela delicadeza e grandeza que é transcrever, estudar, editar um manuscrito capaz de revelar, em diversos contextos, aspectos históricos, sociais, culturais e linguísticos da época em que ele foi escrito e da região nele retratada. Um estudo que possibilita ao pesquisador, e aos leitores, adentrar e passear pelos momentos históricos e socioculturais da vivência de um indivíduo e de um povo. Através deste artigo, é possível discutir, trazer à tona e compartilhar parte das riquezas cultural e histórica

do Recôncavo Baiano, representadas nas obras de Clóvis Amorim, buscando valorizar ainda mais as identidades cultural e sociolinguística dessa região. Além disso, a discussão em torno da Crítica Textual e da edição filológica reforça a importância da Filologia e do papel do filólogo-editor-autor.

Enfim, ao longo de muitos anos, a Crítica Textual esteve voltada para uma abordagem do texto focada mais em seus aspectos linguístico e literário, em razão de sua estreita relação com a linguística e a literatura. No entanto, os estudos e as reflexões hodiernos em torno do texto suscitam um novo pragmatismo filológico, para além dos aspectos ligados apenas à linguística e à literatura, uma abordagem filológica que dialogue com outras disciplinas, outras áreas e que considere o texto como um produto sócio-histórico-cultural.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta*: edição e estudo lexical de causos sertanejos. 181f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Departamento de Ciências Humanas, campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

\_\_\_\_\_. *O vocabulário de Eulálio Motta*. 359f. Tese (doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2017.

BARREIROS, Patrício Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. *Linguística e Filologia Portuguesa*, v. 16, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 325f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem da história cultural das práticas de escrita na edição de textos. *ALEA*, v. 19/2, p. 389-414, Rio de Janeiro, mai-ago, 2017.

\_\_\_\_\_. Princípios e critérios para edições digitais de documentos de acervos literários. In: ALMEIDA, I.S. de; BARREIROS, P.N; SANTOS, R.B. dos (Orgs). *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 281-317.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção leitura crítica)

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTRO, Ivo. Filologia. In: Enciclopédia Verbo das literaturas de Língua Portuguesa. Lisboa: Verbo, 1995. p. 602-9

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, F.M. *et al.* (Org.). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa: Húmus, 2010. p. 355-67

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: USP, 2018 [1986].

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 1994.